

PRECISAMOS FALAR SOBRE O POETA MACHADO DE ASSIS

Ana Valéria Araújo¹
Carlos Henrique

[...] Estabelecei a crítica, mas a crítica fecunda, e não a estéril, que nos aborrece e nos mata, que não reflete nem discute, que abate por capricho ou levanta por vaidade; estabelecei a crítica pensadora, sincera, perseverante, elevada – será esse o meio de reerguer os ânimos, promover os estímulos, guiar os estreantes, corrigir os talentos feitos; condenai o ódio, a camaradagem e a indiferença, – essas três chagas da crítica de hoje, – ponde em lugar deles, a sinceridade, a solícitude e a justiça, – é só assim que teremos uma grande literatura. (ASSIS, 1865, p. 1)

Ao passo que as figuras de um Machado de Assis romancista e contista têm certo lugar ao sol nos estudos literários, o autor de *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870), *Americanas* (1875) e *Poesias completas* (1901) – reunião dos primeiros três livros com *Ocidentais*, o último – há muito é empurrado para debaixo dos tapetes da Academia e, conseqüentemente, da escola. As laudas reservadas ao autor na maioria dos livros didáticos de português e/ou literatura quase não fazem menção aos seus poemas e, nesse embalo, professores dessas disciplinas seguem dando continuidade a esse ciclo vicioso e injusto de omissão.

Conseqüência infeliz disso é o desconhecimento quase generalizado da inclinação poética de Machado. O saber dos alunos do ensino básico sobre o autor muitas vezes se restringe à tríade *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891) e *Dom Casmurro* (1899) e, se quisermos ser otimistas, a alguns de seus contos mais famosos. Os próprios graduandos do curso de Letras se surpreendem ao saber que Machado escreveu poemas. E essa surpresa, que mais a frente poderia se tornar uma curiosidade e dar bons frutos, se bem trabalhada por algum professor-mediador de literatura, logo é

1 Ensaio desenvolvido pelos graduandos Ana Valéria Nascimento Pereira de Araújo e Carlos Henrique da Silva Santos sobre o eixo temático – Machado de Assis poeta, para fins de avaliação na disciplina de Literatura Brasileira III – Pós-Romantismo, ministrada pelo Prof. Dr. Fernando Oliveira Santana Junior, do curso de Letras, da Universidade Federal de Pernambuco, em julho de 2016.

assassinada. O que se coloca no lugar dela é um consensual desprezo pelas primeiras letras do autor, quando esses estudantes sequer leram os poemas de Machado longe das folhas amareladas de alguma antologia crítica da literatura brasileira.

Mesmo que os poemas tenham sido os primeiros passos de Machado de Assis como literário, as impressões que ficam são a de que essa fase não existiu e/ou que há um esforço consciente ou inconsciente da crítica literária em fazer os poemas machadianos sumirem do mapa da literatura brasileira. Felizmente, a primeira impressão é prontamente anulada pelas publicações de *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870), *Americanas* (1875) e *Poesias completas* (1901) e contra fatos não há argumentos. Sobra, então, a segunda impressão que, dita de forma exagerada ou não, tem rastros de verdade.

Entre os estudiosos da literatura brasileira, não se deixa de mencionar o fato de Machado de Assis ter se dedicado à produção de diversos gêneros literários. Em *História da literatura brasileira*, vol. 2, por exemplo, Moisés (1984, p. 391), no início da parte reservada a Machado, chama-o de “talento polimórfico”. Isso pela sua contribuição como romancista, contista, cronista, crítico literário e escritor de peças de teatro, ficando de fora, propositalmente ou não, o Machado de Assis poeta, o que, a nosso ver, constitui um problema, se se pensa que com esse “esquecimento” uma parte da história da literatura brasileira está sendo omitida, de certa forma.

Mas não é sempre que esses estudiosos “esquecem” de mencionar a vertente poética de Machado. A maioria dos que seguem o caminho da crítica literária chega a fazer menções aos primeiros textos do autor, mesmo que o objetivo disso seja meramente depreciativo. Merquior (1996, p. 212), por exemplo, faz a menção e logo em seguida postula a informação de que “as suas [de Machado] primeiras realizações dignas de interesse são as peças teatrais compostas no decênio de 1860”.

Nesse mesmo sentido, Coutinho (1999, p. 154-156) chega a caracterizar os primeiros textos de Machado como realizações fracas, medíocres e precárias, e a dizer que não passam de “ensaios poéticos e medíocres” escritos com a finalidade de suprir “uma necessidade de expressão [de Machado] que ainda não encontrou linguagem” e certamente encontrará em obras posteriores.

De acordo com Nicola (1988, p. 101), que ao contrário dos autores citados até o momento se debruça sob uma explicação mais didática voltada para o ensino superior, destaca que obra de Machado de Assis é costumeiramente dividida em duas fases distintas: a romântica e a realista. Aquela compreendida como fase de amadurecimento pelo fato de o autor ainda estar “preso a alguns princípios da escola romântica”, e esta como fase de maturidade, haja vista a imersão total de Machado dentro das ideias realistas.

Nessa lógica, a maioria de seus poemas está, evidentemente, situada na fase romântica e o que Nicola (1988, p. 101) tem a nos dizer sobre eles é que no geral “prendem-se aos padrões de autores românticos ou mesmo de alguns arcades” e não têm “grande preocupação formal, embora se perceba sempre uma linguagem bem cuidada”. A temática desses poemas, por sua vez, “é amorosa ou nacionalista, principalmente em seu livro *Americanas*, onde é mais perceptível a influência de Gonçalves Dias”. Na fase realista, situa-se *Ocidentais* o último livro de poemas de Machado. Neste, através de “sonetos metrificados, rimados, numa linguagem apuradíssima”, o autor, ainda nas palavras de Nicola (1988, p. 101-102), é um perfeito parnasiano e seu trabalho se assemelha ao de Raimundo Correia e Olavo Bilac.

Avançando na análise crítica da fase poética de Machado de Assis, Merquior (1996) e Coutinho (1999) tecem algumas considerações sobre os livros de poemas do autor. O primeiro diz que em *Crisálidas* (1864) há, de forma geral, um “patetismo romântico” e os versos, por sua vez, são corretos, porém anêmicos, sem força, algo semelhante ao que diz Coutinho (1999, p. 155) sobre o mesmo livro: “é tudo muito correto, muito castiço, numa bela língua cantante e clara, mas sem infusão poética”.

Sobre *Falenas* (1870), Coutinho (1999, p. 155), por um lado, diz que não houve melhoras entre o primeiro e o segundo livro, e apenas chama atenção para um “sabor baudelaireano” num poema em francês intitulado “Um vieux pays”. Por outro lado, Merquior (1996, p. 213) diz ser palpável o progresso do lirismo machadiano e chama atenção para o poema “Pálida Elvira”, em que, para ele, o sentimentalismo romântico está represado “numa esperta e sóbria moldura narrativa”.

Nesse sentido, o mesmo autor diz que “o cume da lírica

romântica” (COUTINHO, 1999, p. 213) de Machado está em *Americanas* (1875), livro em que, nas palavras de Merquior (1996), predomina “a lira indianista em verso branco” e merecem destaque os poemas “Sabina” e “Última Jornada”. O primeiro pelo fato de a temática da “mucama bonita, vítima do sinhô-moço” receber um tratamento lírico superior ao poema “Lúcia”, de Castro Alves; e o segundo pela “placidez elegíaca” de alguns de versos, bem como pelo indianismo machadiano, “que não é heroico [...] e sim moral” (COUTINHO, 1999, p. 215).

Coutinho (1999, p. 155), por sua vez, não tem muito a dizer sobre *Americanas* (1875), a não ser o fato de que ele é uma “transigência com o mito literário do índio” e que sua linguagem é arcaica. O último livro de poemas, *Ocidentais* (1900), é resenhado apenas por esse último autor, e as considerações feitas chamam rapidamente a atenção para a popularidade dos poemas “Círculo vicioso” e “A mosca azul” e nada mais.

É a isso que geralmente se resume o estudo que alguns críticos fizeram sobre os poemas de Machado: algumas caracterizações pontuais, comparações com obras desse ou daquele outro escritor da literatura brasileira e algum destaque dado a um ou dois poemas específicos. Se, por um acaso, comparássemos a quantidade de linhas e laudas reservadas às análises de contos e romances de Machado com o espaço curto que recebe a análise de alguns de seus poemas, talvez a impressão que ficasse fosse a de que a crítica literária menciona e discute um pouco os poemas machadianos para o mero cumprimento de tabela.

Muito antes dessa crítica à qual caracterizamos como superficial e um tanto desinteressada, as primeiras letras machadianas foram alvo de nomes como José Veríssimo, Araripe Junior e Silvio Romero – tríade crítica contemporânea ao autor – e também Múcio Teixeira e Medeiros de Albuquerque.

Ao estudar esse primeiro momento da recepção crítica aos poemas de Machado, Gonçalves (2010) nos informa que os referidos críticos “acolheram, embora com algumas ressalvas, positivamente a poesia de Machado de Assis” e que entre as compilações poéticas organizadas por ele, *Americanas* (1875) talvez tenha sido a que mais foi rechaçada. Isso “por conta do tributo conferido ao indianismo,

tema considerado por muitos literatos da época inseparável da estética romântica, e, portanto, ultrapassado em 1875”.

A opinião dos estudiosos supracitados sobre os poemas de Machado não era consonante. Ao mesmo tempo em que havia quem depreciasse, havia quem já reconhecesse o seu talento na arte do verso. Como arquétipo de crítica favorável, destacamos o seguinte trecho de Albuquerque (2003, p. 253):

Quem conhece o prosador maravilhoso que escreveu estas três obras-primas: Memórias póstumas de Brás Cubas, Quincas Borba e Dom Casmurro, deve ler as suas Poesias completas. Só assim verá o seu talento sob todos os aspectos.

E, como crítica não favorável, trazemos à tona “O poeta das Americanas”, texto em que Romero (1992), num primeiro momento, diz que Machado de Assis não é poeta (p. 69) e, num segundo momento, que “é um doce poeta de salão, pacato e meigo, se quiserem; porém, mudo ou completamente gago para servir de companheiro a qualquer coração dolorido, a qualquer alma sedenta de emoção e verdade” (p. 79).

A crítica feita por Albuquerque, como informa-nos Gonçalves (2010), recebeu influência dos pensamentos de José Veríssimo sobre os poemas de Machado. Trata-se de um artigo intitulado “Poesias completas: o Sr. Machado de Assis poeta”, publicado no Jornal do Comércio em 1901, em que, nas palavras de Gonçalves (2010, p. 6): “Veríssimo oferece ao leitor uma das análises mais consistentes a respeito da poesia machadiana”.

É nesse artigo que Veríssimo, ao comparar os títulos dos dois primeiros livros de poemas machadianos, se apercebe da indicação de “evolução feita de lagarta (*Crisálidas*) para a borboleta (*Falenas*)”, e, pensando de uma forma mais geral, comenta que a evolução nas composições de Machado se realiza “do subjetivismo sentimental para o objetivo mental” (VERÍSSIMO, 2003, p. 250 *apud* GONÇALVES, 2010, p. 8).

Outro estudioso que teceu críticas consistentes e favoráveis aos livros de poemas machadianos foi Araripe Júnior (1963). Como pontua Gonçalves (2010), o crítico, ao se debruçar sobre *Falenas*

(1870), chega a se queixar do pouco espaço dado aos temas nacionais nesse volume, revelando, assim, o projeto de nacionalização da literatura brasileira ao qual estava dedicada a crítica literária do século XIX. E, noutro momento, define Machado da seguinte forma:

Em síntese, Machado de Assis significa um poeta clássico-romântico que, em caminho, matizando a sua imaginação com a variedade das cores e dos aspectos das opostas paisagens que foi atravessando, descobriu a existência, em sua alma, de uma região excêntrica e nela firmou as tendas do seu estilo (ARARIPE JÚNIOR, 1963, p. 9).

Nos trechos destacados das críticas favoráveis aos poemas machadianos, percebem-se um pouco o reconhecimento do talento poético de Machado, das ideias de evolução entre uma obra e outra, da singularidade estilística do autor, bem como a tentativa de Albuquerque em convencer os leitores da época a conhecerem Machado de Assis por completo.

O trecho destacado da crítica de Romero (1992), por sua vez, nos chama a atenção pela falta de seriedade, consistência crítica e, antes de tudo, de coerência no que está sendo dito. Explicamos: primeiramente, num tom um tanto grosseiro, o crítico diz que Machado de Assis não é poeta! Num segundo momento, se mostrando incoerente, Romero admite-o como tal e, num terceiro e último momento, diminui-o através de informações de cunho biográfico, prática essa que, de acordo com Gonçalves (2010), era muito comum na crítica literária da época que era tão polemizante. Sobre isso, com vistas a confirmar o que foi dito, vejamos o trecho de crítica a seguir, que, segundo a referida autora, ultrapassa “as barreiras da boa civilidade literária”:

Nasceu para a pacatez burocrática este estéril verzejador de meia-tigela. Subiu devagarinho, desde que trocou a tipografia pela repartição pública, até chegar a oficial de secretaria; foi mais tarde oficial da Rosa, que é a flor simbólica do amor e fidelidade à Monarquia; passou, na República, a servir como oficial de gabinete dos ministros da Agricultura. E até já se diz por aí, à meia voa, que está em vésperas de ser secretário particular de um alto personagem que tem secretários pessoais... Conserve-se, pois, na sua secretaria, mas não volte mais ao Parnaso (TELXEIRA, 2003, p. 241).

Nesses dois trechos destacados de críticas negativas aos poemas de Machado, fica evidente, pois, certa falta de manejo na arte de fazer uma crítica literária séria e consistente – mais no de Múcio Teixeira do que no de Sílvio Romero –, tal e qual fizeram José Veríssimo e Araripe Junior. E não estamos dizendo isso porque esses dois últimos se mostraram a favor dos poemas machadianos, mas simplesmente pelo fato de eles não terem seguido o caminho da depreciação gratuita que, no final das contas, acaba se perdendo do que realmente importa: a literatura.

Para nós, foi a esse tipo de crítica que Machado de Assis, em 1865, se contrapôs quando publicou o ensaio “O ideal do crítico” no então *Diário do Rio de Janeiro*. A leitura desse ensaio, de certa forma, acordou-nos para a forma como foi e ainda vem sendo tratada essa primeira fase de Machado como literato. Não discutiremos sobre esse ensaio aqui, mas, tendo em vista o que foi discutido até agora, faz-se obrigatória a leitura de “O ideal do crítico”.

No início deste nosso ensaio, destacamos um trecho dele e agora, como complementação e com vistas a aguçar a curiosidade dos leitores, destacamos outro:

A crítica útil e verdadeira será aquela que, em vez de modelar as suas sentenças por um interesse, quer seja o interesse do ódio, quer o da adulação ou da simpatia, procure produzir unicamente os juízos da sua consciência. Ela deve ser sincera sob pena de ser nula. Não lhe é dado defender nem os seus interesses pessoais, nem os alheios, mas somente a sua convicção, e a sua convicção, deve formar-se tão pura e tão alta, que não sofra a ação de circunstâncias externas (MACHADO DE ASSIS, 1865, p. 2).

Felizmente, há, na crítica literária, estudiosos que talvez tenham entendido melhor as diretrizes postas por Machado em “O ideal do crítico”, e que se deixaram influenciar pela forma de fazer crítica de José Veríssimo e Araripe Junior. Há quem, assim com Medeiros de Albuquerque, defenda um entendimento mais completo de quem foi o poeta Joaquim Maria Machado de Assis. Há quem ache justa e necessária uma compreensão mais ampla da obra desse autor tão aclamado na literatura em prosa e tão malvisto na literatura em verso. Há quem enxergue essa fase “menor” de sua

carreira como um verdadeiro campo de preparação sem o qual ele não chegaria ao posto de “figura central nas nossas letras” – para usar a fala de Merquior (1996).

Um desses poucos é Santiago (2000) que, ao voltar seus olhares para a crítica que se fazia à monotonia e à repetição de certos temas e episódios em romances e contos de Machado, exige da crítica literária machadiana uma urgente revisão de posicionamento dizendo que:

Já é tempo de se começar a compreender a obra de Machado de Assis como um todo coerentemente organizado, percebendo que à medida que seus textos se sucedem cronologicamente certas estruturas primárias e primeiras desarticulam e se rearticulam sob forma de estruturas diferentes, mais complexas e mais sofisticadas (SANTIAGO, 2000, p. 27).

O autor ainda se posiciona contra a divisão da obra de Machado em duas fases (a exemplo de Nicola, 1988) e questiona o fato de os críticos irem com muita sede ao pote (metáfora nossa) ao estudar a obra de Machado de Assis, isto é, fazem uma leitura dirigida para os “melhores momentos” do romancista. Isso, ainda nas palavras de Santiago (2000), acaba impedindo-os, muitas vezes, de descobrir aquela que

Talvez seja a qualidade essencial de Machado de Assis: a busca, lenta e medida do esforço criador em favor de uma profundidade que não é criada pelo talento inato, mas pelo exercício consciente e duplo, da imaginação e dos meios de expressão de que dispõe todo e qualquer romancista (SANTIAGO, 2000, p. 28).

É basicamente com esse espírito que nos propomos a escrever sobre a inclinação poética de Machado de Assis. Para nós, chega a ser, no mínimo, estranho um autor ser tão aclamado na prosa e tão maldito no verso. Se todas as críticas já feitas a Machado tivessem trilhado o mesmo caminho dos pensamentos de Santiago (2010), talvez, hoje, não tivéssemos que lidar com esse desconhecimento quase generalizado dessa primeira fase de Machado como literato.

Nesse sentido, afirmamos que toda a produção de Machado deve ser tomada pela sua totalidade. Muito do que ele fez enquanto

poeta serviu de preparação estilística, de amadurecimento da própria arte, que viria a ser tão conhecida e apreciada. Como foi dito anteriormente, esse primeiro momento do autor é desvalorizado por ser “inferior” às produções posteriores. Será que não existe nenhuma importância significativa nos poemas do grande Machado, só porque ele ainda estava iniciando a vida de escritor? Essa pergunta norteia nossos pensamentos, e nos ajuda a entender que o seu posto de “figura central nas nossas letras” é fruto dos versos de início de carreira.

O contista, o crítico, o cronista, o dramaturgo. Tantos talentos. Onde pode ser encontrado o poeta? Conveniente para a crítica foi ver os aspectos que interessavam e condenar o todo. O problema é que sempre quiseram encaixá-lo em algum movimento literário, então qualquer falha já causaria o isolamento e a resposta: “não é tão bom, falta algo”. Porém, em seus versos, Machado já apresenta características de uma voz própria, um estilo que não suporta enquadramento em apenas um movimento, mas sim uma ampliação do que já fora visto antes e a afirmação de sua singularidade:

A obra poética machadiana, erguida sobre o edifício da tradição, acrescentou às antigas paredes a camada do novo. Não a novidade de vanguarda, mas a releitura e aprimoramento do antigo, num minucioso trabalho de restauração, de reavivamento do sentido primordial da poesia (AMPARO, 2008, p. 14).

A obra de Machado tem traços do medieval, do Renascimento, do clássico, do neoclássico e do romântico, principalmente as primeiras produções, algo que, muitas vezes, é encarado por uma crítica feroz como mediocridade. Entretanto, todos os movimentos da escrita machadiana conversam entre si, o poeta e o prosador se encontram em vários momentos e parecem escrever juntos. Mas por que separá-los? Ele consegue amarrar vários em um só, ele mesmo. É por isso que se torna ínfimo dizer que a poesia dele é fraca e indigna de estudo.

Observando por esse ângulo Machado é essencialmente poeta, visto que, mesmo na prosa, parte de um ponto de vista da realidade comum a todos os homens, baseada nos princípios essenciais da vida, para, logo em seguida, abandonar o palco da realidade, como um espectador da cena, onde tudo é revelado in abstracto, a partir de uma observação distanciada do narrador. A maioria dos narradores machadianos está — fora de si —, por isso pode captar o subjetivo de maneira objetiva, ao mesmo tempo

que, vivendo uma segunda vida, pode rir-se daquela primeira sem que se sinta emocionalmente atingido (AMPARO, 2008, p. 16).

Então, essa essência poética pode ser entendida como a matriz de toda a sua genialidade. Isso se dá porque ele não abandona seu poeta, na verdade reconfigura-o e utiliza-o para modificar o antigo nas moldagens do novo. Ele consegue dialogar com vários escritores e ainda perdurar a sua voz. Assim, podemos compreender o quão importante é estudar e analisar os primeiros passos do escritor mais aclamado do país, que iniciou com pequenos poemas, que cresceu, e que faz com que a obra como um todo alcance diversos segmentos e consiga ser única.

Dessa forma, alguns estudiosos, munidos da consciência de vivacidade nos primeiros escritos machadianos, procuram, através de seus estudos, trazer à baila essa vivacidade. Vários trabalhos foram publicados analisando os poemas de Machado, e descobrindo novos olhares e primeiros traços do que viriam a ser seus romances posteriores. Em nível de apresentação, mencionaremos, a seguir, dois desses trabalhos e falaremos um pouco sobre eles.

Em “O olhar judaico em Machado de Assis”, capítulo último do livro *Machado de Assis, os Judeus e a Redenção do Mundo*, de Anita Waingort Novinsky, é proposta uma nova leitura para o poema machadiano “A Cristã Nova”. A autora diz que, no poema, Machado trabalha com os conceitos de Tradição, de Continuidade – muito caros à obra machadiana – e com o conceito judaico de Sacrifício.

Ao conceito de Tradição corresponderia o da identidade com o povo de Israel; o conceito de Continuidade seria a perseverança do judaísmo entre os cristãos-novos no Brasil ou a fidelidade ao Deus de Israel; e o conceito de Sacrifício, o martírio em nome do Amor, e neste caso o Amor é tanto divino (no velho) quanto humano (na moça) (NOVINSKY, 2008, p. 45).

Machado parece empregar certa empatia ao versejar sobre esse assunto. Pode ser porque a Inquisição, por mais que estivesse em um passado relativamente distante dele, ainda trouxesse marcas e efeitos trágicos. Novinsky (2008) defende que “o poema é pessimista, sem esperanças” e “traz o sentido trágico da existência”, ou seja, possui

uma significação além do convencional esperado. É possível haver uma interpretação de denúncia, que foi retomada através de um tema da história judaica e moldada para transmitir o que o escritor achou que era necessário. Nesse momento, perguntamos: a poesia dele é realmente menor? O poeta tem que ser esquecido?

Outro trabalho que pode ser citado para atestar a riqueza dos poemas machadianos é “Machado de Assis, um Poeta Satírico?”, artigo escrito por Anselmo Luiz Pereira Campos. Nele, o autor diz que a famigerada verve satírica de Machado já mostra suas faces nos primeiros poemas e, para comprovar isso, ele traz uma seleção de poemas que foram publicados na Gazeta de Holanda, e que são, na sua essência, obras que satirizam a sociedade brasileira da época:

O tom geral dessas gazetas é a sátira. A verve crítica machadiana apresenta-se com grande liberdade, uma vez que tanto a composição, quanto o jornal em que figurava assim o permitia. Os assuntos da semana eram comentados sempre por um viés satírico e bastante crítico. O vocabulário vai da fala popular — que Machado soube captar bem — ao registro erudito. É de grande interesse para a poesia machadiana o estudo de tais composições, principalmente porque muitas vezes o autor estabelece uma metapoética capaz de revelar pequenas sutilezas no trato com o verso. Sutilezas típicas de um cultor ininterrupto e eminente estudioso dos versos em língua portuguesa (CAMPOS, 2006, p. 35-36).

É interessante reconhecer que parte significativa de quem era Machado como pessoa e escritor foi se perpetuando durante os anos, que aperfeiçoaram e melhoraram-na. A sátira e a crítica feroz machadiana são elementos caracterizadores da maior parte de suas obras prosaicas, e é ingênuo pensar que apareceram magicamente apenas na prosa. É claro para nós que os seus poemas estavam repletos de um humor que também é renovado a cada obra, um humor que possui a capacidade de saber “a maneira leve de tratar as coisas graves, e a maneira grave de tratar as coisas leves” (ASSIS, 1997, p. 329).

Após essa longa reflexão, conseguimos entender um pouco mais sobre o universo que pode se tornar as pesquisas acerca das poesias machadianas. Seria essencial que essa visão diferenciada que é proposta por alguns poucos estudiosos chegasse com mais força à Academia e provocasse algumas mudanças. Nesse sentido, seria

interessante que os graduandos do curso de Letras se deixassem influenciar por esse movimento de entender Machado de Assis por completo e, assim como fizemos, produzissem trabalhos como este, a fim de, em longo prazo, acabar pouco a pouco com esse infeliz desconhecimento quase generalizado da inclinação poética de Machado.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Medeiros de. *Crônica Literária*. In: MACHADO, Ubiratan. Machado de Assis: roteiro de consagração. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003, pp. 252-254.

AMPARO, Flávia Vieira da Silva. “Sob o véu dos versos”: o lugar da poesia na obra de Machado de Assis. 2008. 346f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 2ª Edição. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

CAMPOS, Anselmo Luiz Pereira. Machado de Assis, um Poeta Satírico? Em Tese, Belo Horizonte, v. 10, p. 35-40, dez. 2006.

COUTINHO, Afrânio (dir.) e COUTINHO, Eduardo de Faria (co-dir.). *A Literatura no Brasil. Volume IV: Era realista / era de transição*. (5.ª edição revista e atualizada). São Paulo: Global, 1999, p. 151-173.

GONÇALVES, Fabiana. O princípio da crítica à poesia machadiana. Revista Iluminart do IFSP, Sertãozinho, v. 1, n. 4, p. 3-13, abr. 2010.

MACHADO DE ASSIS. O ideal do crítico. In: _____. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. 3, 1994.

MACHADO DE ASSIS. *Poesias completas: Crisálidas, Falenas, Americanas, Ocidentais*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1977.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides da Cunha: breve história da literatura brasileira – I*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996, p. 209-252.

MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira - II – Romantismo e Realismo*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1984.

NICOLA, José de. *Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias*. 8ª Ed. São Paulo: Scipione, 1998.

NOVINSKY, Anita Waingort. *Machado de Assis, os Judeus e a Redenção do Mundo*. São Paulo: Documenta Histórica: Humanitas, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Retórica da verossimilhança. In: _____. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

TEIXEIRA, Múcio. *Poesias completas*. In: MACHADO, Ubiratan. Machado de Assis: roteiro de consagração. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003, pp. 235-242.